

## **Capitalismo de Estado da China gera críticas globais**

*Jason Dean, Andrew Browne e Shai Oster*

Desde o fim da Guerra Fria, as grandes potências mundiais adotaram em termos gerais a ideia de deixar que a concorrência do mercado - mais do que o planejamento governamental - determine a produção econômica. A estratégia econômica doméstica da China está mexendo com esse consenso e a ascensão do magnata da energia solar Zhu Gongshan ajuda a explicar por quê.

Uma escassez de silício policristalino - a principal matéria-prima dos painéis de energia solar - estava ameaçando a indústria chinesa da energia solar em 2007. O preço do polissilício disparou, atingindo US\$ 450 o quilo em 2008, uma alta de dez vezes em um ano. Empresas estrangeiras dominavam a produção e estavam repassando esses altos custos para a China.

A resposta de Pequim foi rápida: o desenvolvimento de fontes nacionais de fornecimento do polissilício foi declarado uma prioridade nacional. Empresas e bancos estatais despejaram dinheiro nos fabricantes; governos provinciais aceleraram a aprovação de novas fábricas.

No Ocidente, as fábricas de polissilício levam anos para ficar prontas e dependem de processos arrastados de licenciamento. Zhu, um empreendedor que captou US\$ 1 bilhão para construir uma fábrica, iniciou a produção em 15 meses. Em poucos anos, ele criou uma das maiores fabricantes de polissilício do mundo, a GCL-Poly Energy Holding Ltd. O fundo soberano da China comprou 20% da GCL-Poly por US\$ 710 milhões. Atualmente, a China fabrica cerca de 25% do polissilício do mundo e controla aproximadamente metade do mercado global de equipamentos acabados de energia solar.

A corrida de Zhu ao topo aponta para uma questão mais profunda: a estratégia econômica da China é detalhada e multifacetada, e está desafiando as potências mundiais em vários frentes.

No centro dessa visão chinesa está uma política que defende empresas estatais e as chamadas potências nacionais; busca agressivamente obter tecnologia avançada; e regula sua taxa de câmbio para beneficiar exportadores. Ela alavanca o controle estatal do sistema financeiro para canalizar capital de baixo custo para setores econômicos domésticos - e para países estrangeiros ricos em recursos naturais de cujo petróleo e minérios a China precisa para manter seu rápido crescimento.

Os líderes chineses não pressupõem que o mercado seja preeminente. Em vez disso, eles veem o poder estatal como essencial à manutenção da estabilidade e do crescimento e consequentemente à continuidade do poder nas mãos do Partido Comunista.

É um modelo com um histórico de conseguir realizações, especialmente num momento em que a fé do público na eficiência dos mercados e na competência dos políticos está abalada em boa parte do Ocidente. A China, que já é o maior exportador do mundo, caminha para superar o Japão este ano como a segunda maior economia, atrás dos Estados Unidos.

Charlene Barshefsky, que como representante comercial americana no governo Bill Clinton ajudou a negociar a entrada da China em 2001 para a Organização Mundial do Comércio, diz que a ascensão de poderosas economias controladas pelo Estado, como a China e a Rússia, está enfraquecendo o sistema comercial estabelecido depois da Segunda Guerra Mundial. Quando essas economias decidem que "novos setores econômicos inteiros devem ser criados pelo governo", diz Barshefsky, isso desnivela o campo em detrimento do setor privado.

Críticos ocidentais dizem que as práticas da China são uma forma de mercantilismo voltada para a acumulação de riqueza pela manipulação do comércio. Eles apontam para as reservas internacionais de US\$ 2,6 trilhões da China. Os EUA e a União Europeia moveram uma série de ações na OMC e outras disputas comerciais contra políticas de Pequim e atacam a recusa da China em permitir que sua moeda aprecie mais, o que segundo eles alimenta desequilíbrios mundiais.

Altos executivos de empresas estrangeiras começaram a se queixar publicamente. Em julho, Peter Löscher, diretor-presidente da Siemens AG, e Jürgen Hambrecht, presidente do conselho da fabricante de químicos Basf SE, numa reunião aberta de empresários industriais alemães e o primeiro-ministro da China, manifestaram preocupação com a tentativa de forçar empresas estrangeiras a transferir valiosas propriedades intelectuais se quiserem ganhar acesso à China.

Até agora, entretanto, as multinacionais não estão ficando de fora, porque a China continua a ser uma fonte vital de crescimento para empresas cujos mercados domésticos estão saturados.

A estratégia da China ecoa as políticas que o Japão empregou em sua ascensão econômica. Mas a mera escala da China - sua população é dez vezes a do Japão - a transforma numa ameaça mais poderosa. Além disso, a determinação nas últimas décadas de abrir alguns setores para empresas estrangeiras torna o mercado chinês bem mais importante para o comércio mundial do que o Japão jamais conseguiu ser, o que dá a Pequim um poder de barganha muito maior.

Os líderes chineses começaram a admitir as críticas. No encontro do Fórum Econômico Mundial em Tianjin, em setembro, o primeiro-ministro chinês, Wen Jiabao, disse que o debate recente entre investidores estrangeiros sobre a China "não se deve totalmente à incompreensão por parte de empresas estrangeiras. Mas também a nossas políticas não terem sido suficientemente claras."

"A China está comprometida a criar um ambiente aberto e justo para empresas de capital estrangeiro", disse Wen.

O Estado sempre exerceu um grande papel na economia da China, mas durante a maior parte da era que começou no fim dos anos 70, ele encolheu à medida que fazendas coletivas estatais foram desfeitas e estatais industriais foram fechadas. A entrada na OMC em 2001 representou uma grande aposta do governo chinês numa liberalização ainda maior dos mercados. A aposta compensou, com o crescimento econômico em disparada durante boa parte dos últimos dez anos.

Mas o Estado está novamente em ascensão. Muitos analistas dizem que o ritmo da liberalização desacelerou e apontam para vastos setores da economia ainda controlados por empresas estatais e rigorosamente restritos a firmas estrangeiras. O governo é dono de quase todos os maiores bancos da China, as três maiores petrolíferas, as três maiores telefônicas e as grandes empresas de mídia.

Um relatório de janeiro da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico disse que a economia da China tinha a menor concorrência entre 29 analisadas, inclusive a da Rússia. O economista chinês Qian Yingyi disse que teme pelo que aparenta ser "uma reversão de reformas a voltadas ao mercado nos últimos anos."

O papel gigantesco do Estado na economia dá a ele um poder enorme para buscar suas metas, que são geralmente definidas em volumosos planos quinquenais (às vezes de 15 anos). Essas relíquias da economia controlada da era Mao são fundamentais para o destino de gigantes ocidentais como a Caterpillar Inc. e a Boeing Co., que dependem do mercado chinês. A China é atualmente uma das maiores fontes de crescimento do faturamento da Caterpillar e é a maior compradora de jatos comerciais depois dos EUA, segundo a Boeing.

Uma das metas mais importantes de Pequim: livrar a China da dependência de tecnologias estrangeiras caras. É um processo que começou com as políticas econômicas de "portas abertas" criadas por Deng Xiaoping em 1978, que atraíram firmas estrangeiras de tecnologia. Empresas como a Microsoft Corp. e a Motorola Inc. criaram laboratórios de P&D e ajudaram a treinar uma geração de cientistas, engenheiros e administradores chineses.

Esse processo agora se acelerou. Em 2006, o governo chinês anunciou o "Plano Nacional de Médio e Longo Prazo para o Desenvolvimento da Ciência e Tecnologia", para transformar a

China numa potência tecnológica até 2020. O plano prevê quase dobrar a fatia do produto interno bruto dedicada à pesquisa e desenvolvimento, de 1,3% em 2005 para 2,5%.

Uma das áreas mais cobiçadas: a tecnologia verde. O programa chinês "Tocha" prioriza setores, atraindo empreendedores com promessas de terreno barato para fábricas, isenções fiscais para exportação e até um apartamento de graça por três anos.

Para a China, os maiores riscos podem ser internos. Algumas tentativas de criar avanços em alta tecnologia num passe de mágica deram para trás. Uma tentativa de produzir um microprocessador chinês levou anos para replicar os recursos dos fabricados pela Intel Corp. e pela Advanced Micro Devices Inc., cujos produtos continuam a evoluir. Uma tecnologia chinesa de telefonia celular ainda não conseguiu ganhar impulso fora do país, a despeito do governo ter obrigado a maior operadora da China a adotá-la.

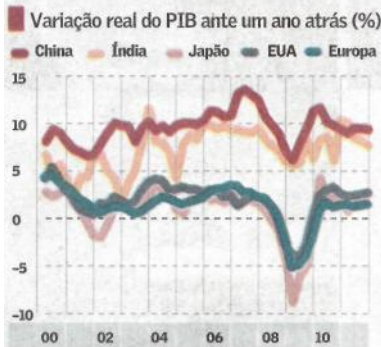
Num prazo mais longo, a China enfrenta uma série de desafios que ameaçam seu crescimento. Entre eles estão uma população que envelhece rapidamente porque a política de um filho por família limitou a natalidade nas últimas décadas, e danos ambientais resultantes do ritmo acelerado de industrialização do país.

A utilização deste artigo é exclusiva para fins educacionais

# A cartilha de Pequim

O modelo chinês de crescimento se destaca por seu histórico de realizações

**A China continua a crescer muito mais do que outros grandes países...**



Nota: 2011 é uma projeção

**...enquanto continua mais fechada...**



\*República Checa, Hungria, Coreia, México, Polónia, Turquia  
†Áustria, Bélgica, Finlândia, França, Alemanha, Itália, Luxemburgo, Holanda, Portugal, Espanha

**...e suas estatais se tornam cada vez mais bem-sucedidas.**



Nota: 1 bilhão de yuans = US\$ 151 milhões ao câmbio atual

Fontes: FMI (variação do PIB); Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (regulamentação); Ministério da Fazenda da China (estatais); Comissão Chinesa de Regulamentação Bancária (controle de bancos); Agência Nacional de Estatísticas da China (gastos com P&D); Imaginechina/Zuma Press (foto)



A China hoje controla cerca de metade do mercado mundial de equipamento acabado de energia solar tais como células (acima) usadas em painéis solares

**O governo chinês mantém o controle sobre o sistema financeiro**



**A China está estimulando empresas a investir em pesquisa e desenvolvimento**

